

Introdução

A realização da presente pesquisa tem um caráter pessoal do qual não posso fugir. Foi orientada, primeiramente, pela minha inserção social, sendo mulher e negra em uma sociedade racista e machista; pela minha participação no movimento PVNC – Pré-Vestibular Para Negros e Carentes; e pela minha inscrição acadêmica e profissional no campo das Ciências Sociais.

Comecei participando do PVNC como aluna, em 1998, posteriormente atuei como professora em núcleos de Duque de Caxias/RJ e como coordenadora do núcleo Pré-Pilar em Caxias, até 2007. A experiência no movimento PVNC marcou profundamente minha vida e foi lá que iniciei as primeiras discussões acerca das relações e desigualdades raciais. A partir daí, consegui enxergar mais claramente questões que me incomodavam tanto, ao tomar contato com militantes que atuavam em igrejas católicas e protestantes, ativistas de movimentos negros, estudantil e partidos políticos.

Ao ingressar na universidade tive contato com um mundo novo e instigante, muito distante da minha realidade. Nesse espaço alarguei contatos com outros militantes de movimentos sociais negros e com pesquisadores das relações raciais. Iniciei minha experiência acadêmica profissional como bolsista de iniciação científica PIBIC - CNPq, participando do projeto de pesquisa: *“Relações de gênero e práticas reprodutivas em famílias negras do Rio de Janeiro”*, orientada pela professora Sônia Giacomini. Nessa pesquisa, buscou-se enfocar as formulações de autores que integram o pensamento social brasileiro acerca de temas como raça, gênero e relações inter-raciais no Brasil. Essa experiência aguçou ainda mais meu interesse sobre as questões raciais e de gênero.

Uma questão que sempre me incomodou foi perceber a ausência, a invisibilidade da produção intelectual dos negros, principalmente das negras, na academia. A ausência desses pensadores e de suas obras em sala de aula era compensada com as leituras e discussões dos textos de escritores e intelectuais negros brasileiros e estrangeiros que tive contato em outros espaços de reflexão,

através de grupos de estudos com amigos e colegas universitários e ativistas de movimentos negros.

Inicialmente, a escolha do tema de pesquisa não envolvia as organizações de mulheres negras de modo específico. Meu interesse se baseava em pesquisar intelectuais negras brasileiras por conta de sua invisibilidade. Isto porque a subordinação, bem como as imagens, representações e estigmas relacionados às mulheres negras de modo geral são temas hoje mais investigados. No entanto, compreender as mulheres negras como sujeito de sua própria história, como produtoras e autoras de conhecimento, é uma lacuna que acredito que precisa ser melhor desenvolvida e preenchida.

Foi seguindo esse lastro que o objeto de pesquisa foi tomando corpo. Ao iniciar a pesquisa bibliográfica sobre intelectuais negras brasileiras, verifiquei a ausência de trabalhos e livros sobre o tema. Encontrei alguns artigos e textos, mas isso não conformava uma literatura densa sobre a temática, diferentemente do que se verifica em outros países, como nos EUA por exemplo. A partir dessa constatação, recebi algumas sugestões, principalmente de minha orientadora, que me auxiliaram a buscar construir um objeto de estudo que tivesse um maior diálogo com a literatura existente e que ao mesmo tempo mantivesse minha idéia inicial. A idéia de realizar um estudo sobre as lideranças de organizações de mulheres negras foi muito bem-vinda, uma vez que pude seguir adiante com meu interesse de pesquisa. Ao realizar um estudo sobre trajetórias e narrativas de mulheres negras que exercem função de liderança em suas organizações civis, busquei acompanhar o percurso de intelectuais/ativistas negras brasileiras, privilegiando suas narrativas e produção de conhecimento.

É importante destacar que as reflexões geradas a partir do recorte do tema são pertinentes também para se pensar acerca de minhas próprias experiências, tanto pessoal, quanto acadêmica e profissional. Dito isso, não creio que seja possível um completo distanciamento entre sujeito e objeto, tendo em vista que a neutralidade científica está comprometida com a experiência e a trajetória pessoal e/ou profissional de qualquer pesquisador. Sendo assim, a neutralidade científica é muito mais um ideal, do que algo que de fato se consiga alcançar plenamente. Como bem salientou Negri (2003), não existe um “fora” que possibilite um distanciamento adequado em relação ao objeto estudado pelo sujeito.

Nesta dissertação, a análise sobre as trajetórias e narrativas de intelectuais/ativistas negras se concentrou em duas organizações civis brasileiras. Para isto, foi imprescindível realizar um exercício de estranhamento, no sentido de converter essas organizações em objeto de estudo sociológico, transformando as análises sobre o objeto em teoria científica. Como mulher, negra e cientista social penso o quanto é importante contribuir para a visibilidade do processo de organização e emancipação realizado por mulheres negras que historicamente foram vistas, no máximo, como objeto de análise, e não como sujeitos de pensamento e de conhecimento.

O caminho trilhado pelas ativistas, denominado por algumas entrevistadas de “protagonismo”, se contrapõe a uma perspectiva através da qual a mulher negra foi historicamente definida, classificada e coisificada por um sistema ideológico que a infantilizava, ou seja, no qual ela não tinha fala própria, não era sujeito do discurso e sim objeto de análise e de poder. Segundo Werneck¹, as mulheres negras na busca de “autonomia”, compreendidas como uma coletividade complexa em luta, têm tornado cada vez mais visível sua atuação e presença nas diferentes lutas e conquistas sociais ao longo dos séculos que constituem a história brasileira.

Sendo assim, a pesquisa busca investigar a constituição das organizações de mulheres negras no Brasil, problematizando a forma como produzem conhecimento, como atuam politicamente, e, sobretudo, como definem agendas e metas, entre as quais é possível destacar o fortalecimento da auto-estima da mulher negra no Brasil. O presente estudo pretende lançar um olhar cuidadoso para uma perspectiva que, na maioria das vezes, encontra-se ocultada. Esta postura também se propõe assumir um posicionamento político e crítico frente à exclusão dos negros e das negras na academia, nos centros de pesquisas e em outros setores da sociedade brasileira.

O estudo em questão buscou olhar para as mulheres negras não apenas como vítimas, mas compreendê-las em suas dimensões de sujeito de discursos e de protagonistas políticas. Buscou-se observar as formas de organização de

¹ Ver Werneck (2009: 113).

mulheres negras, bem como sua relação com o feminismo tradicional² e seus vínculos com os movimentos negros no Brasil, compreendendo as razões e justificativas que as levaram a buscar uma organização própria.

O movimento contemporâneo de mulheres negras, iniciado na década de 70, se fortaleceu aproximadamente em meados da década de 80 e tem posto em cena novas questões (Ribeiro, 1995). As organizações de mulheres negras vêm apresentando uma diversidade de reivindicações, ligadas ao rompimento das opressões sexista e racista. Além disso, a temática da identidade tem assumido novos contornos e análises sociológicas. O processo de constituição dessas organizações é concomitante à emergência de novos atores sociais, questionando processos históricos e sociais que dificultam a participação das mulheres negras enquanto sujeitos participantes do processo de democratização política.

A partir da promulgação da Constituição de 1988, as relações de gênero e raciais ganham relevância oficial para um Estado que se pretende democrático e de direito. Algumas das principais propostas das organizações de mulheres negras direcionam-se para a garantia de educação e saúde, levando em consideração especificidades de gênero e de raça, como também a diversidade sexual e cultural. As reivindicações dessas organizações visam combater a violência e as desigualdades sexistas e raciais mencionadas anteriormente.

Embora algumas lideranças estejam no núcleo do tema tratado nessa dissertação, esse estudo não teve a intenção de traçar a biografia das entrevistadas, mas compreender o lugar das individualidades dessas intelectuais/ativistas em suas organizações. Com esse objetivo, no segundo capítulo realizou-se uma reflexão sobre as relações raciais no Brasil, enfocando as representações sociais da mulher negra na literatura sócio-antropológica. No terceiro capítulo, buscou-se abordar as organizações e movimentos negros no Brasil. A intenção foi realizar um breve panorama sobre as formas de associativismo negro no país, sobre o feminismo e o movimento negro no Brasil; em seguida, foi feita uma reflexão sobre o movimento de mulheres negras, atentando para o seu processo de constituição, suas peculiaridades e, sobretudo, para as formas de articulação entre raça, gênero e classe. No quarto capítulo a atenção foi dedicada à questão central

² O feminismo considerado tradicional é o feminismo dominado pelas mulheres brancas de caráter eurocêntrico, que pretendia representar todas as mulheres, baseando-se na premissa de que todas as mulheres são iguais. Ver Lemos (1997).

propriamente dita, qual seja: a análise das organizações feministas negras. Assim, foi feita uma apresentação do campo pesquisado, abordando as narrativas das entrevistadas, que são fonte riquíssima de análise. Ao todo, foram realizadas 11 entrevistas em profundidade, seis com intelectuais/ativistas negras das organizações Geledés e do Criola, três com ex-integrantes das organizações, e duas entrevistas com intelectuais/ativistas negras não atuantes em organizações institucionalizadas. Essas duas últimas entrevistadas marcaram um interessante contraponto sobre o tema proposto.

Teve-se o cuidado e a intenção de não entrevistar somente aquelas que continuam atuando nas organizações, buscando ouvir ativistas que haviam se afastado e outras que nunca fizeram parte de tais organizações, mas que possuem uma visão sobre o assunto. Essa foi uma maneira de buscar um olhar mais amplo e crítico sobre as organizações e o trabalho de suas lideranças. Além disso, para preservar a identidade das entrevistadas, foram utilizados nomes fictícios nas citações ao longo da dissertação.

A escolha das 11 entrevistadas foi pautada pela atuação, pela influência em suas próprias organizações, como também pela influência exercida externamente. Quatro entrevistas foram realizadas com lideranças que são referência nacional. Foram realizadas mais duas entrevistas, uma com integrante da Criola e outra do Geledés. Ativistas que são pouco conhecidas publicamente, mas que ocupam funções de coordenação de projetos nas suas respectivas organizações. Nosso intuito era obter narrativas também de mulheres que não fossem figuras públicas nem referências nacionais, e que em algumas circunstâncias e por parte de alguns segmentos poderiam não ser consideradas lideranças, mesmo que desempenhando função fundamental nas organizações.

Três entrevistas foram realizadas com ex-integrantes das organizações pesquisadas, com o intuito de compreender e tematizar também as narrativas sobre trajetórias divergentes, tensões, projetos diversos, encontros e desencontros entre as ativistas e seus projetos. Finalmente, totalizando as 11 entrevistas realizadas, duas delas foram feitas com intelectuais/ativistas que não atuam diretamente em organizações, mas que teorizam sobre o tema e/ou sobre vivências de mulheres negras.

A metodologia utilizada na dissertação envolveu discussão teórico-conceitual, entrevistas e análise das narrativas. As entrevistas foram semi-

estruturadas levando em conta, como bem salientou Queiroz³ (1983), que esse tipo de técnica possibilita que o informante fale mais do que o pesquisador, embora seja o pesquisador quem orienta o diálogo. As entrevistas tiveram um roteiro orientado visando a garantir o relato dos fatos considerados mais importantes para a pesquisa: a) informações sobre história pessoal – informações sobre a origem familiar, sócio-econômica; grau de instrução b) as razões e trajetórias que levaram as mulheres negras a se organizarem; c) a existência ou não de diferenças entre o movimento negro, feminista e as reivindicações das mulheres negras; d) Prospecção - quais os problemas, desafios, e as perspectivas das organizações de mulheres negras.

Nossa proposta foi compreender o campo diverso e complexo das organizações pesquisadas. A intenção foi analisar como as intelectuais/ativistas lideram e gestam suas organizações? Quais são os modelos seguidos? O que elas fazem e como fazem?

A partir da delimitação do objeto de pesquisa, uma das principais constatações iniciais desse estudo refere-se a uma característica bastante recorrente no universo pesquisado, qual seja, a de que as principais lideranças exercem de forma simultânea uma dupla atividade: trabalho intelectual e atuação política. Dessa forma, essas duas dimensões não podem ser pensadas separadamente nesse universo, mas de maneira conjugada, compreendendo as implicações dessa dupla atividade. Como bem salientou Patrícia Hill Collins (2000), o pensamento feminista negro é marcado pela fusão entre trabalho intelectual e ativismo, entre “ação e teoria”. Não à toa, a forma como essas duas atuações se combinam e se qualificam mutuamente é uma questão chave a ser explorada na reflexão.

Nessa perspectiva, os pontos centrais que se buscaram conhecer, perguntar e problematizar ao longo das entrevistas foram: como as intelectuais/ativistas se definem e descrevem seu próprio trabalho? Como trilharam o caminho percorrido? Como foi o processo de constituição dessas mulheres negras? Quando se iniciou e como se constituiu o processo de institucionalização dessas organizações? Se e como o processo de institucionalização incidiu sobre as formas e as agendas de atuação política?

³ Queiroz (1983:47).

Essa dissertação está dividida em cinco capítulos. O primeiro capítulo tem um caráter introdutório, onde explicitamos quais foram os elementos e condições que levaram à construção do objeto de estudo. No segundo capítulo foi realizada uma breve discussão sobre relações raciais, tendo como fio condutor o papel social da mulher negra na sociedade brasileira. No terceiro capítulo, buscou-se apresentar um breve histórico das variadas formas associativas e de movimentos sociais negros, discutindo também aspectos das teorias sobre movimentos sociais. Além disso, foram também abordados aspectos que auxiliam numa certa contextualização da constituição das ONGs no Brasil e, em particular, das duas organizações pesquisadas, Criola/RJ e Geledés/SP e do movimento de mulheres negras. Ainda nesse terceiro, uma atenção especial foi dedicada ao fato de que o movimento de mulheres negras, por nascer articulando raça, gênero e classe, aporta como contribuição específica para refletir o conceito da “interseccionalidade”, abordagem multiplicativa que se contrapõe à concepção de mulher universal. No quarto capítulo, a temática central são as organizações de mulheres negras no Brasil, discutindo a articulação dos conceitos de identidade e diferença. Há também uma discussão conceitual sobre narrativas ou discurso subalternizado e intelectualidade. Ainda nesse capítulo buscou-se analisar as trajetórias das intelectuais/ativistas entrevistadas e de suas organizações, tomando como referência o material colhido nos depoimentos durante as entrevistas. Com o cuidado e atenção voltados para observar as semelhanças, as diferenças e as assimetrias entre as mulheres negras entrevistadas e seus trajetos específicos, procurou-se problematizar as tensões e conflitos que compõem o processo de organização e de ativismo político. Finalmente, no quinto e último capítulo são apresentadas algumas considerações finais, sem, no entanto, apontar argumentos e/ou conclusões absolutas.

Pretende-se nessa dissertação privilegiar as narrativas das entrevistadas, compreendendo suas trajetórias, identificando os ideais que perseguiam e procuravam levar a cabo, inclusive com a criação das organizações. Coloca-se também como uma questão relevante saber como essas lideranças avaliam sua contribuição para a conquista de uma situação vista como desejável, a qual elas se referem como de *autonomia* e que lhes teria garantido o lugar de *protagonistas*, *sujeitos* de sua própria história. Nesse sentido, busca-se compreender o que essas mulheres julgam serem suas principais conquistas, ou seja, quais os elementos que

são percebidos como uma conquista política. Busca-se atentar para as articulações, negociações, tensões e estratégias que fizeram parte do processo de representação política que as organizações de mulheres negras conquistaram. Pretende-se, ainda, identificar o ambiente dos movimentos e das organizações políticas, como as entrevistadas descrevem esses espaços e como são constituídos os processos de organização política.